



# TUDO PELOS ARES

Fabio Rocha

Copyright © 2001 por Fabio Rocha

**Registro EDA – Biblioteca Nacional:**

**Nome(s) do(s)** FÁBIO JOSÉ ALFREDO SANTOS DA ROCHA  
**Autor(es):**  
**Título da Obra:** TUDO PELOS ARES  
**No. Registro da Obra:** 210400  
**Livro:** 366  
**Folha:** 60  
**Data de Registro:** 11/9/2000  
**Gênero da Obra:** POESIA  
**Obra Publicada:** Não

**Nome(s) do(s)** FÁBIO JOSÉ ALFREDO SANTOS DA ROCHA  
**Autor(es):**  
**Título da Obra:** FÉRIAS  
**No. Registro da Obra:** 224134  
**Livro:** 393  
**Folha:** 294  
**Data de Registro:** 23/2/2001  
**Gênero da Obra:** POESIA  
**Obra Publicada:** Não

Título original: Tudo Pelos Ares

Editoração eletrônica: Fabio Rocha

Endereço eletrônico:

<http://www.fabiorocha.com.br>

## Índice

1. *Capa*
2. *Dados*
3. *Índice*
4. *Índice (continuação)*
5. *Índice (continuação)*
6. *Pré-Fácil – Fred Matos*
7. *Pré-Fácil – Fred Matos (continuação)*
8. *Prosa de Abertura – Ricardo Alfaya*
9. *Prosa de Abertura – Ricardo Alfaya (continuação)*
10. *Dedicatória*
11. *Citação – Fernando Pessoa*

### **12. I – Tudo Pelos Ares**

13. NÃO PISE NA GRAMA
14. CREPÚSCULO
15. RESPIRÁVEL
16. ARCO-ÍRIS
17. VIAGENS
18. GREVE
19. ÁGUA-VIVA
20. QUADRO
21. GREYS
22. BELO-BELO?
23. CALCULUS
24. ORDEM
25. A CIGARRA ATÔMICA
26. SÃO JOÃO
27. DOENÇA
28. HIENAS
29. TAMANHO
30. FORD
31. A PRAÇA
32. SAIA SAIA
33. CONDICIONADO
34. DESEJO
35. LOIRA ECOLÓGICA
36. O GATO
37. A VIOLÊNCIA DAS VELAS
38. O TREM
39. PEQUENA SONATA AO LUAR
40. DE MAIO DE 1968 AO NEOLIBERALISMO
41. DA TENTATIVA

42. CULPA
43. DISTANTE
44. CÚMULO-NIMBO
45. ENIGMA
46. COMO?
47. DOURADAS
48. O SER POETA:
49. FOGOS
50. QUE HORAS SÃO
51. LÍNGUA
52. CINZA
53. DESAMOR
54. MODERNIDADE
55. LINHA AMARELA
56. CRIAÇÃO
57. X
58. ASAS
59. TERRA BRASILIS
60. VI UM SATÉLITE
61. FIM DE MILÊNIO
62. INDECISÃO
63. QUE ANDRA DOR FEZ ANDRADE?
64. A MORTE DA PERNA-DE-PAU
65. O NADA
66. TUDO PELOS ARES
67. ESTRELA DISTANTE
68. HERANÇA
69. UTILIDADE
70. A CECÍLIA MEIRELES
71. ISSEDÔNIA
72. CHEGADA
73. EQUILÍBRIO DISTANTE
74. FOTO DELA
75. ENGENHARIA ELÉTRICA UFRJ
76. VOCAÇÃO

**77. II – Férias**

78. E ATENÇÃO:
79. E ATENÇÃO: (*continuação*)
80. JANEIRO
81. PARA MANOEL DE BARROS
82. VIAGEM
83. CANTO NA PRAIA
84. PERENE

85. A FOTO
86. MONTES
87. PICOLÉ DE MANGA
88. POSSIBILIDADES
89. BÚZIOS OU NADA
90. QUADRO SUPERIOR ESQUERDO
91. O TORTO
92. LONGE
93. O FANTASMA
94. SÍNDROME DA CHEGADA
95. PELA ESTRADA AFORA
96. VENTO FORTE
97. SEVEN
98. KAFKA
99. NOITE NA RUA DAS PEDRAS
100. FÉRIAS
101. ALVO
102. FAMÍLIA
103. PLACA
104. SOPRO
105. ORGANIZAÇÃO CEREBRAL
106. DAS NEGATIVAS
107. INÍCIO DE UM ROMANCE POLICIAL
108. 3 A. M.
109. DESTINO
110. DELÍRIO
111. SAÍDA DE BÚZIOS
112. CORTE
113. *Biografia*
114. *Biografia (continuação)*

## PREFÁCIL

Todos sabem que o nosso país não tem especial apreço pela leitura de literatura, sobretudo pela poesia. A arte brasileira por excelência é a música popular. Comprova essa assertiva o fato de que o Brasil é um entre os poucos países cujo consumo da produção nativa rivaliza ou supera a da música norte-americana, que se alastra, mundo afora, por força das grandes indústrias multinacionais que monopolizam a produção e o comércio das artes audiovisuais. Uma das características que contribuem para a vitalidade da música popular brasileira, excetuando-se os gêneros de sucessos fugazes, é a poesia. Isso posto, não temo estar errado quando afirmo que, por paradoxal que possa parecer, o brasileiro gosta de poesia, mas sofre da falta do hábito da leitura.

Contudo é alvissareiro observar que o advento da internet, e a sua massificação, tem resultado na aparecimento de centenas, quiçá milhares de novos poetas, alguns já maduros, outros em processo de aprendizagem, mas a maior parte, felizmente, formada por poetas comprometidos com uma nova atitude, que é a de não filiação às idiosincrasias que caracterizaram as escolas teóricas onde os discursos e manifestos fundavam-se preponderantemente na negação da corrente que pretendiam suplantar, como se a arte fosse uma guerra santa onde um ícone havia que ser derrubado para abrir espaço a outro.

É essa a novidade na nova poesia: há espaço para todos e para a diversidade de formatação poética. O belo já não tem vergonha de ser belo, o sentimento já não se emascula pelo temor do ridículo. As palavras libertam-se das amarras subjetivas que se lhes intentaram submeter com o falso dilema da hierarquização; uma tolice que parecia comparar o idioma a uma sociedade de classes onde designou-se para os adjetivos o papel de párias.

É este bom convívio entre todas as formas e todos os ritmos, este criar o novo, cultivando e cultuando o estabelecido e o eterno, uma outra das características que impulsionam a música brasileira e que agora há de servir à poesia escrita e ou inscrita em qualquer suporte onde a imaginação do poeta se lhe permita expressar.

Entre esses poetas que agora se revelam está o Fabio Rocha, que nos oferece à leitura este "TUDO PELOS ARES", livro onde se deve buscar a poesia que surge das suas inquietações, da sua acurada observação do tempo e espaço que habita e não o rigor frígido de poemas laboriosamente lapidados em laboratórios de dissecação filológica. Neste livro, mais que o corpo, é alma, a sua alma, que o poeta nos oferece. Deleitem-se.

*Fred Matos, poeta*

## PROSA DE ABERTURA

Considero este um dos melhores livros de autores de nosso tempo que me chegaram às mãos.

O motivo? Difícil dizer de imediato, mas o que me impressionou foi a sintonia de sua poesia, na medida exata, com a época em que vivemos.

Não se trata apenas de ter escapado das armadilhas de tentar reproduzir esquemas recentes já esgotados de fazer poético, mas de ter sido capaz de escapar disso sem escorregar para fórmulas ainda mais antigas e passadistas.

Ler a poesia desse livro é tomar um banho de atualidade. Não no sentido meramente histórico ou jornalístico que a frase possa sugerir, mas também, no sentido estético.

Por outro lado, poucos livros terão recebido um título tão feliz e tão apropriado ao conteúdo que encerra. "Tudo pelos ares". Mistura de irreverência, crítica e lirismo. Título que sugere vôo, imponderabilidade e frescor. Também, explosão e fragmento. A pós-modernidade, com seu acúmulo total de tudo, explode de repente em seu livro e dos fragmentos que voam pelos ares você realiza notável colagem. Colagem ou reciclagem? Sim, há mais que mera colagem, como já se fez em outras obras. Há um discurso implícito nas entrelinhas que realiza a tessitura desses fragmentos, do qual emerge um novo sentido.

E aqui entra um fator interessante. Em vários momentos, Fabio Rocha mostra, com muita felicidade na escolha das imagens, o paradoxo em que estamos imersos. Somos destruidores do Planeta, mesmo quando pretendemos fazer "o bem". Pior, e você trata disso com eficácia num poema, somos destruidores até mesmo quando não estamos fazendo nada, quando simplesmente estamos dentro de casa, sentados no conforto de nossa poltrona. Existir é destruir.

Então, a sua poesia de certo modo realiza o sonho da reciclagem. Nada se perde, tudo se transforma, como em Leibnitz. Porque o título de seu livro, além dos aspectos já relatados, retrata também um medo que subjaz a nosso tempo. Sim, nunca estivemos tão perto de ir pelos ares. Mais que isso. Se pensarmos como Gibran Kalil Gibran, que dizia ser o medo da fome a própria fome, então, já fomos pelos ares. Todos nós somos, de certo modo, Memórias Póstumas de Brás Cubas. E você está lá no meio das nuvens da explosão, colhendo os fragmentos e reinventando-os. Com o espírito da reinvenção \*possível\*.

Talvez daí a irreverência sempre permeada por um toque de leveza. Não há na sua dicção o soturno canto nihilista, o peso do pesar, o hermetismo simbolista, a exaltação dramática. Também não há, e isso me parece importante frisar, aquele tom um tanto cínico que tem marcado a produção contemporânea mais recente. Em resumo: nem exaltação, nem frieza. Um olhar diferente, especial. E isso, acredite, não é pouco e, igualmente, é muito raro.

*Ricardo Alfaya, poeta, contista, cronista, ensaísta, editor e jornalista carioca.*

Para o vento.

“Leve, leve, muito leve,  
Um vento muito leve passa,  
E vai-se, sempre muito leve.  
E eu não sei o que penso  
Nem procuro sabê-lo.”

*Alberto Caeiro (Fernando Pessoa)*  
*O GUARDADOR DE REBANHOS*

# **I - Tudo Pelos Ares**

## **NÃO PISE NA GRAMA**

Placa inútil e amarela:  
“Não pise na grama.”

Amarela  
pela ausência de girassóis.

Inútil  
porque não tenho os pés no chão.

## CREPÚSCULO

Que belas nuvens arredias  
nesse crepúsculo dourado.  
Longe, a Ave-Maria  
vence infinitos telhados.

Pardais nos fios, nos prédios, nas casas...  
parecem encantados.  
Ah, o que se passa  
sob esses tetos gelados?

No céu, agora há um balão.  
Em breve, algo incendiado.  
Barulhento e alto avião  
me chama ao chão, atordoado.

## RESPIRÁVEL

Quero tudo pelos ares.

Sem bombas,  
o fim das certezas de terra,  
das durezas de pedra,  
das friezas de água,  
das ardências de fogo...

Quero silêncio respirável.

## ARCO-ÍRIS

Que o Senhor nos prometa  
não mandar um cometa  
bem no nosso planeta.

Sim, somos uns macacos...  
com poucos pelos e muitos medos.  
Mas os mesmos dedos  
que apertam gatilhos, fazem partos.

Guarde os seus astros.  
Se demonstrarmos total incompetência,  
nossa criação atômica  
não permitirá sobrevivência.

## VIAGENS

Pela janela,  
as luzes coloridas dos ônibus, dos caminhões  
mostram sonhos apagados.

As casas simplórias, as encostas  
lembram dolorosamente  
onde não estive – que saudade.

O fio (onda negra)  
desce, para, sobe,  
bate no poste,  
desce, para, sobe,  
bate no poste.

Nós, fios de Deus,  
temos que teimar em subir pelos ares  
temos que teimar em vencer os postes.

## GREVE

Tempo cinza que nos embaça.  
Sabiá gelado.

Tudo perdeu aquela graça.  
Vento recortado.

O céu é fumaça?  
Sonho velho abandonado.

Isso um dia passa?  
Ah, inalcançável passado...

(Eu sabia amar.)

## ÁGUA VIVA

Eu quero o poema cnidoblasto,  
cheio de chatos nematocistos.

Que arde como os antigos emplastos,  
estranho como os ornitorrincos.

Que ignore aqueles verdes pastos  
e embriague como vinho tinto.

Quero o verso chato enigmático  
que cante tudo e nada que sinto.

Que se danem o pássaro simpático  
e as flores em formato de brinco.

## QUADRO

A melhor poesia  
é como a paisagem  
de costas.

## GREYS

*Para Carlos Drummond de Andrade*

O vidro sujo do carro  
faz ainda mais cinza  
aquilo a que chamam Méier...

Nem o azul do céu  
escapa da cor maligna  
que em tudo se entranha...  
(Poluído e funesto tom!)  
Como num filme de Chaplin.

Me pego abismado,  
ao ver ali as pessoas...  
Sem ser filme, novela ou seriado...

Como serão suas vidas,  
seres cinzas transeuntes?

Não tenho veneno,  
tomo Coca-Cola...

## BELO BELO?

*Para Manuel Bandeira*

O belo - a bunda.  
Abunda o belo  
padrão.

Sem carne, sem pão:  
silicone na massa.  
Famintos felizes morrerão.

Compre, beba, ouça, seja  
bunda.

Hoje, a beleza  
é ainda mais triste.

# CALCULUS

Engenharia  
leva qualquer 1  
ao limite.

Integro  
a massa que bóia.

Em ondas  
de fórmulas  
decoradas.

No mar  
de inutilidades,  
derivo à deriva,  
sem objetivos nem assíntotas no horizonte.

Se achasse uma ilha  
com um X,  
no lugar do tesouro  
haveria um Y.

## ORDEM

O velho Erasmo Dias  
não se arrepende.

Era um homem público  
que só defendeu  
a ordem  
que só cumpria  
ordens.

(aquela da bandeira?)

Nossa vitória  
é ouvi-lo falar  
o que quiser.  
(mesmo essas imbecilidades)

## A CIGARRA ATÔMICA

*Para Drummond*

A cigarra atômica  
não se contentava em cantar  
sem ninguém ouvir.

As pessoas passando,  
walkmans,  
admirando outdoors  
engluteados

fizeram-na descer  
da árvore.

Hoje canta na internet,  
aparece na TV,  
nos jornais  
e é ouvida.

Cientistas afirmam:  
É por causa de uma contaminação por Césio 137 que ela não morre.

## SÃO JOÃO

Se Toledo  
tivesse tolerado  
ter lido  
as instruções,  
o estalido  
não teria matado.

## DOENÇA

*Para Manoel de Barros*

Só lendo Manoel de Barros  
é que descobri o que tinha  
minha professora loira do primário,  
que vivia de olho arregalado  
desolhando o distante:

Ela tinha lonjuras.

## HIENAS

*Para o Excelentíssimo Professor de Economia Paulo Márcio*

Os pobres nem sabem  
o que podem ganhar.

A classe média só pensa  
no que pode perder.

Revolução? Não.  
Melhor ver Malhação  
e sonhar com o Jogo do Milhão.

Eu aqui sem aula e mudo  
e meu Centro Acadêmico  
vendendo X-Tudo.

Todos só dizem, entre empadas:  
não se pode fazer nada.

Mas vamos sorrir, tenta...  
Quem sabe o salário aumenta.

## TAMANHO

Pobre navio  
preso na garrafa.

Que importa o tamanho?  
Lugar de navio é no oceano.

## FORD

Se o Fordismo  
inspirou Chaplin,  
há esperança  
para a humanidade.

Pela mesma lógica torta,  
há Tchan e Djavan,  
mosquito e periquito,  
cigarros e Manoel de Barros.

## A PRAÇA

A praça daqui  
tem flores que caem  
amarelas.

Melhor que todas  
em que vivi.

Não há  
mais bela.

A praça sorri  
pros pombos de cartolas,  
pros velhos ricos pedindo esmolas  
e pra quem quer que praxe.

– A praça que não vi.

## SAIA SAIA

Ah, a sensualidade  
dessa sinuosidade  
em deslizante cetim...

beija os sentidos,  
cintilando, seduzindo,  
vibrando em mim.

Visão na mão de pelo loiro...  
Aspiro o áspero suave  
sucumbindo no sonho sem fim.

## CONDICIONADO

Sim, eu poderia  
ficar aqui sentado  
sobre minhas vitórias,  
derrotado.

Mas há alegria  
fora do passado.  
Quero o ar de glórias  
do não conquistado.

O vento do incerto  
é melhor que o conforto regulado  
do ar condicionado.

## DESEJO

Almejo  
a Lisa.

Alcanço  
a brisa.

Aliso  
os alíseos.

## LOIRA ECOLÓGICA

Seu eu parecer  
não te ouvir  
queira não se irritar  
por favor.

É que fico meio arbóreo  
com o verde dos teus olhos.

## O GATO

De quando em vez  
esse ser equilibrado  
de aparente ausência assimilada,

esse eu sério, de óculos, barba,  
poucas palavras e sorrisos,  
desce da altura medida.

A vista míope enturva, escurece.  
Dentes trincados não fazem preces.  
A lentidão de pernas e braços  
destransforma-se em negro gato.

Gato ágil que arranha de angústia rouca  
tão profundo, tantas vezes, tanta gente...  
vai embora num relampejar de luz pouca  
e sou eu quem se arrepende.

## A VIOLÊNCIA DAS VELAS

Vamos acender as velas  
e rezar pedindo que a bala perdida  
não atravesse nossas grades, muros e janelas.

Sigamos, multidão apática,  
com sonhos mediados pela mídia.  
Iluminemos essa cultura Iluminista  
com fogo em nossas vidas egoístas.

*20/7/2000*

## O TREM

O trem  
vai rápido.

O trem  
não segue trilhos  
em seus caminhos aéreos.

O trem  
não tem maquinista,  
mas todos somos passageiros.

O trem  
nunca chega, nunca pára.  
(nem nas quatro estações)

Feliz de quem  
aproveita a viagem.

## PEQUENA SONATA AO LUAR

Noite.  
Deus, sono lento.

Aplausos.  
Mãos das trevas?  
Não.  
Gotas pingando nas frias folhas.

Edredom.  
Sem som.  
Sem sonho.  
Se alimenta.  
Lentamente.  
De mim.

## DE MAIO DE 1968 AO NEOLIBERALISMO

Os jovens contra o sistema  
envelhecem.

Seus filhos, sem tempo,  
emburrecem.

As grafites de Paris  
em pichações desfalecem.

O sistema, o mesmo sistema  
se disfarça, vence e cresce.

Descanse em paz, Guevara,  
perdoe as preces.

Nós, os verdadeiros mortos,  
vamos trabalhar.

## DA TENTATIVA

Quis fazer um poema triste.  
Mas triste estou eu, não o poema triste.  
(Celulose com rugas no carpete.)

Tentei fazer um verso frio.  
Mas frio é esse tempo excomungado, não o verso frio.  
(Alvidez alvidrada janela abaixo.)

Imaginei um soneto morto  
e vi que a folha não respirava.

– Medusa, olha essa poesia!

Com pena idiossincrática,  
deitei a pena esferográfica.

(Talvez se eu falasse de lagartixas...)

## CULPA

Meus passeios  
poluem o mundo.

Para ler,  
gasto a luz de cidades inundadas.

A geladeira  
esburaca a camada de ozônio.

Banhos longos  
desertificam o planeta.

Para comer, beber, viver  
gasto dinheiro (que nem ganhei).

Meus poemas  
derrubam árvores.

## **DISTANTE**

*Para Andréa*

Onde a linha amarela  
cruza o entardecer  
meus sonhos dormem  
escondidos  
em você.

## CÚMULO-NIMBO

Seu dentro  
é nublado.

Embaço  
embaixo  
de embaço.

Em seus olhos,  
persianas e pestanas  
persistem em fechar.

Mas um vento vem,  
vagaroso...  
Move leve o sonho.

Mostra as cores  
sob o cinza, no seu íntimo,  
por um ínfimo  
instante.

Queira Deus que chova.

## ENIGMA

O que há nas cervejas geladas?  
Murmúrias  
de sedes esfarrapadas.

## COMO?

Me pedem poemas de amor  
e, no lixão, o agricultor,  
entre moscas e urubus,  
alimenta sua família  
com restos.

A vida toda plantou e colheu  
pros outros.  
Agora envelheceu  
sem terra.

E ele sabe  
como o governo come.

E ele sabe  
que de fora comem nosso país.

Ele só não sabe  
o que vai comer amanhã.

## **DOURADAS**

*Para Anna Gabriela*

Nessas raias estreitas,  
as douradas  
por quem mais nadei  
eram horizonte.

Bati o recorde  
atlântico  
das mil tentativas  
(tiros n'água).

Fui tetracampeão  
de salto ornamental  
no escuro.

Só  
subi no pódio de mim mesmo,  
sem hino, bandeira ou torcida.

## **O SER POETA:**

Falar da luz  
que não se vê.

Mostrar o bem  
que não se têm.

Cantar o amor  
sem nem querer.

Fazer feliz  
e triste ser.

## FOGOS

Os fogos de artifício  
em Copacabana,

os fogos de míssil  
no Oriente Médio

iluminam o passar dos anos.

Evolução?  
Engano.

## QUE HORAS SÃO

Meg Donas nosso  
que estás no shopping,

amarela e brilhante  
seja tua luz,

queira deus que haja vacas  
entre teus pães,

venha a nós essa gordura  
assim no Meg Bacon como no Big Meg,

não nos deixe  
cair em dieta

e livra-nos  
da batata murcha.

## LÍNGUA

Pela porta da poesia  
entrei pra dentro de um pleonasma.

Vivo, vivia  
na língua de tanta gente  
que achei doentes  
os dentes que diziam “tá errado”.

## CINZA

O sonho que não realizei  
me beija às cinco da manhã.  
Só pra me lembrar  
que dói sonhar.

A cidade do alto, cinza  
sob o céu pesado, cinza.  
Carros, ambulâncias, helicópteros, sirenes, trânsito, luzes girando,  
[pedestres...  
pensam que chegam a algum lugar.

Ninguém abre os olhos  
pras flores abertas.  
Aposto que assim são mais felizes.

## **DESAMOR**

Enamorados nas românticas gôndolas,  
os vejo gônadas.

## MODERNIDADE

ritmo  
acelerado  
de  
vida  
curta  
como  
o  
poema  
burguer

## LINHA AMARELA

Vejo  
na grandeza das pedras à esquerda  
Deus.

Rádio ligado:  
nuvem de melancolia  
em música lenta.

No túnel, silêncio.  
No túnel, escuro.  
Há de se acelerar  
para o túnel passar.

Passado,  
o chão molhado  
fez, entre ex-carros, quatro corpos deitados.

Cai por terra o espiritualismo  
e instantâneo medo  
ascende no gris.

Mas passa logo.  
Acelerando divago:  
chegar é o que sempre quis.

## CRIAÇÃO

A palavra viva  
levantou-se da folha morta.

De altura ambígua,  
inspirou sua alma.  
Se tivesse olhos, os abriria.

Ouviu-se: – Viva!  
E então não se sabia  
se era ordem, celebração  
ou se alguém a lia.

## X

Sem mutação,  
mutante:  
metamorfose  
ambulante.

De médico e Logan  
todo poeta  
tem um tempo.

Infeliz do estagnado,  
cromossomo degenerado.

Ri no rio a momentânea sinuosidade de cobra antes do bote.

## ASAS

Não procuro a liberdade que passará,  
mas a do pássaro ligeiro.  
Nem espero a que virá:  
o futuro é traiçoeiro.

Sinto as asas invisíveis agora.  
Vôo alto, contente.  
Se não fosse o vento de outrora  
me contentaria com o chão quente.  
Não deixarei de ascender na aurora  
Pelas aves abaixo, maldizentes.

Pouco importa alcançar.  
Quero é ser livre para sonhar  
sonhos em qualquer altitude.

## TERRA BRASILIS

Desta terra  
regada com suor,

coberta de pedras  
nos caminhos,

cansada de guerras  
(invisíveis?),

cercada pelos grandes  
(invencíveis?),

nascem os dons  
que perfumam o mundo.

## VI UM SATÉLITE

Hoje foi quente.  
Jantei galinha  
e dispensei a TV.

Deitei sob as estrelas,  
ouvi o vento balançando as plantas  
e o casal de vizinhos brigando.

Fui feliz assim,  
com muitos verbos,  
poucas conjunções  
e nenhuma metáfora.

## FIM DE MILÊNIO

Caminhava na floresta molhada  
e pisei no gnomo, caí na fada.

Desesperado,  
tentei falar com meu anjo da guarda.  
Linha ocupada!

Minha lua em aquário  
sempre me fez de otário.

## INDECISÃO

Sou  
a porta entreaberta.  
(lua estilizada)

Nem aberta  
nem fechada.

Se a mais leve brisa  
me define,  
é temporário:

Minha chave  
não existe.

## QUE ANDRA DOR FEZ ANDRADE?

A dor dos dardos da idade  
rolou os dados, vergou Andrade.  
Resultado: andar.

Andar até o fim do dia,  
pois vem a tarde.

Vem a tarde, Andrade,  
com sua antropofagia.

Ande como subindo os Andes,  
como fugindo do antes,  
antes que te coma o fim.

(Andando por minha rua, Andrade se ergueu do derrame.)

## A MORTE DA PERNA-DE-PAU

Sinara me ensinara  
a sina de Nara,  
em cima de varas,  
acima de caras.

Felicidade o dia inteiro,  
simplicidade no passo ligeiro,  
velocidade em fazer dinheiro,  
longevidade até o bueiro.

## O NADA

*Para Manuel Bandeira*

Aprendo a fingir aprender  
com professores atrasados fingindo ensinar.  
Anoto todas as regras  
menos a filosofia das janelas.

Requeiro petições e memorandos  
demorando em diretorias  
vazias de humanos,  
cheias de burocracia.

Todas as pessoas perto, distantes.  
Todas as pessoas distantes, perto.

Meu todo dia  
só se salva pelo não fazer,  
único prazer: poesia.

## **TUDO PELOS ARES**

Somos anjos perdidos.  
Asas mortas no chão  
desde a primeira audição  
da palavra impossível.

## ESTRELA DISTANTE

Estou solstício  
no espaço cósmico.

Não que minha vida seja  
especial.

É que no ócio  
construo veleiros espaciais  
para ir, só.

## HERANÇA

*Para meu pai*

Comecei a ler  
pelos olhos de meu pai.

Os contos de fada  
espantavam monstros no escuro.

Mas eu gostava tanto  
que acabava o livro e eu não dormia.

Ele então partia,  
deixando a luz acesa.

Cresci.  
Aprendi a ler (e a ser) só.

Mas herdei até o problema  
com as palavras:

As que faltam, nos seus silêncios de retrato  
e as que sobram, espinhentas, e destroem palácios.

Construídos demoradamente, silenciosamente, arduamente  
com atos de amor.

Levei duas dúzias de anos  
para ver que as palavras com espinhos  
não diziam o que nós realmente sentíamos.

Queria ter herdado  
o dom de sentir prazer com as coisas simples,  
  
como deixar a luz acesa  
para aqueles que amo.

## UTILIDADE

Me falam para produzir,  
como se alguém produzisse...

Quem produz terra fértil  
é a minhoca.

Quem limpa a água  
é a terra fértil.

Quem joga oxigênio no ar?  
Algas cianofíceas.

E nós, humanos,  
o que produzimos  
usando a terra,  
acabando com a água,  
sujando o ar  
e adorando a moeda?

– Eu quero é produzir pedras.

## A CECÍLIA MEIRELES

Cantos serenados  
cruzam etéreos crepúsculos.

Nuvens douradas  
pastam perfumes seculares  
em seus altos caminhos.

Sonhos naufragados  
atravessam espelhos, horizontes,  
borbulham baixinho:

A poesia da rosa  
é seu espinho.

## ISSEDÔNIA

Antônia, eu vou pra Issedônia  
sentir a brisa de Pasárgada,  
vou ver as ondas do mar Jônio  
sem descobrir como voltar.

Soube que lá tudo é belo,  
não há favela nem castelo,  
mas se não for o que espero  
eu vou continuar por lá.

Dizem que lá tudo é na cama,  
sem placas “Não pise na grama”,  
mas se não for assim bacana  
eu vou continuar por lá.

Ouvi que lá não há trabalho,  
só sexo, siesta e baralho,  
mas se for tudo ao contrário  
eu vou continuar por lá.

## CHEGADA

A chuva a luz a Lia acabou

Há quanto?  
Voltarão?

Eu espero

No escuro de meu desespero  
a esperança é chama oscilante

O portão, de ferro melancólico, chora sonoro  
O jardim se arrasta ruidosamente em algo

Já posso vê-la  
de volta

A escada triste derrama exata  
água pelos degraus em cascata

A madeira da porta vibra com o ranger  
Abre-se, olhos idem

Eu no carpete no silêncio no breu

Apenas vento

## EQUILÍBRIO DISTANTE

*Para Renato Russo*

Na linha fina do horizonte  
se equilibra meu equilíbrio distante.

Mas quem um dia chegou lá?  
Por que quero (logo eu) chegar?

Faço poemas  
com tais temas  
dentro do shopping.

Que a perfeição afunde em sua lonjura  
e eu ache felicidade em tanajuras.

## FOTO DELA

*Para Andréa*

Via eu contente as fotos:  
formatura de um amigo.  
Até que chegou a dela,  
de branco, rindo de mim.

Foi quando não vi mais nada.

Só senti um calor estranho,  
e explodiu em meu silêncio  
num velho vulcão distante  
a vontade de a ter.

## ENGENHARIA ELÉTRICA UFRJ

*Para Walton e Vagner*

Meus dois amigos  
derrotaram números  
com garra  
de adamantium.

Surfaram em ondas eletromagnéticas  
apenas para acabar, muitas vezes,  
afogados em teorias.

Mas integraram volumes  
em cinco dimensões  
sem se entregarem...

Ralaram as mãos nas Físicas (e suas leis),  
sujaram a alma nos motores (sem ouvir RPM),  
eletrocutaram esperanças nos circuitos (algumas morreram),  
perderam um pouco de fé nos fios (efeito Joule?),  
sistematicamente comeram o pão que o Basílio amassou  
[(maldito seja).

E agora a recompensa,  
a vitória, a conquista, o papel derradeiro:  
engenheiro.

## VOCAÇÃO

Meu avô  
queria ser aviador,  
piloto mesmo.

Não consegui.  
Algumas vezes foi visto em sua juventude  
olhando o nada com a vista cansada.

No fundo, bem  
que quero voar também.  
Porém sem avião.

Minha aeronave anemofílica  
é a palavra ética.  
E eu nem bebo...

Mas leio sonhos aéreos,  
que os ventos ventaram  
e ventarão.

E passo a vida  
a dar passos  
sem pegadas.

# II - Férias

## E ATENÇÃO:

Devo comer este bife mal passado  
tentando esquecer que vai me engordar,  
o colesterol ruim,  
a vaca louca,  
os triglicerídeos,  
a vaca louca,  
que pode ter cisticercos,  
a vaca louca,  
o coliforme 157,  
ou ainda,  
a vaca louca.

Devo mastigar esta alface sem pensar nas planárias,  
beber esta água sem sentir o vibrião colérico na garganta.

Devo ignorar este mosquito que me morde – com listrinhas na  
[bunda,  
possível portador da dengue tipo 3,  
que pode ser mais grave para quem já teve a 2 ou a 1.

Devo inspirar sem sentir o gás carbônico,  
piorando o efeito estufa.

Devo parar de suar, no ar condicionado,  
sem a culpa de destruir a camada de ozônio.

Devo passar estes dias a esperar o telefone tocar  
tentando me convencer de que estou bem,  
que estou de férias  
e que não estou esperando você ligar.

Apesar de estar em casa,  
ajudando a destruir o mundo,  
esperando o telefonema sagrado  
e absorvendo informações demais.

## JANEIRO

O dourado vence o vermelho  
no dia nascente.  
A revanche: o crepúsculo.

Verão.  
Estação de sonhos e ócio.  
Já cheira a saudade  
antes de esquentar.

Provo as bênçãos  
dos bons arcanjos  
em trajes de banho  
sobre a areia branca

e a irregularidade  
dos horizontes  
das cidades  
do interior

da alma.

## PARA MANOEL DE BARROS

Seu Nhonhô  
morava no silêncio  
e tinha cabelos de nuvens.

Era irmanado das águas paradas  
e de quando em vez libélulas  
punham ovos em sua cabeça.

Sua voz tinha falha de crostas  
e vulcões invisíveis expeliam o nada por suas ventas.

Da última vez que o vi  
estava árvore.

Quando foi cortado,  
se cercou de cinza  
e desandou a falar  
sem dizer.

## VIAGEM

A casa era uma estranha  
na chegada.

Após o primeiro banho,  
o primeiro silêncio  
e o primeiro poema  
nos tornamos cúmplices.

Aposto que em uma semana  
serei um pouco casa.

E, na despedida,  
meio que vou ficar  
e meia casa vai viajar.

*Ponta Negra – 1º/2/2001*

## CANTO NA PRAIA

Andorinhas  
em bando,

namorados  
na praça,

os amigos  
falando,

os cachorros:  
desgraça.

Tantas ondas,  
tantos plurais  
e a cigarra,  
no singular,  
canta.

(no plural morreria)

*Ponta Negra – 1º/2/2001*

## PERENE

*Para Camões*

O mar:  
constante fúria espumante.

Desfaz penhas  
(teimosas e duras)  
em areia molhada.

Piso tatuís,  
gaiotas cortam o ar  
e sinto na palavra escrita  
a perenidade do mar.

*Ponta Negra - 2/2/2001*

## A FOTO

*Para Mariana*

O mar fala.  
O mar repete.  
Tento sentir o que.

Talvez seja  
para não pensar.

Uma menina pergunta:  
– Senhor, que horas são?  
Falo dois números e me pergunto  
quando virei senhor.

Talvez por isso  
esteja de relógio na praia  
e não entenda a graça  
das cambalhotas infantis na água.

De tanto  
olhar sentir ouvir  
enormes ondas,  
entendo a grandiosidade do momento.

Uma família fotografa o crepúsculo.  
O mar diz que não caberá na foto.

*Ponta Negra - 2/2/2001*

## MONTES

Os urubus não estão baixos,  
nós é que estamos altos.

Trepados na terra vermelha,  
motorizados por entre matos,  
procurando poesia nas alturas.

Mas alturas há aos montes...

E poesia não é paisagem.

É o bicho que entra pelo vidro do carro  
e assusta,  
é a vertigem na beira do despenhadeiro,  
é a cobra imaginária dos caminhos,  
é o não chegar.

*Ponta Negra - 2/2/2001*

## PICOLÉ DE MANGA

É verão  
Como picolé de manga

A praia arde  
Como picolé de manga

A água dourada no entardecer  
Como picolé de manga

(um pessimista dirá  
que vou engordar)

*Ponta Negra - 2/2/2001*

## **POSSIBILIDADES**

Ler é aumentar as chances  
de que minha seta  
acerte a palavra,  
a certa.

*Ponta Negra - 6/2/2001*

## BÚZIOS OU NADA

A rua que dá no ócio  
é de pedras irregulares.

Na chegada posso  
sentir o cheiro dos mares.

Mas fazer o nada  
é difícil empreitada.

E as revoluções industriais,  
a cada onda, cada vez mais  
complicam sua produção.

Habitados a correr demais,  
desaprendemos a andar na contramão.

(Pegar sol é pegar sol, não é nada.  
Dormir é dormir, não é nada.  
Nadar é nadar, não é nada.)

Para reaprender  
preciso escrever.  
(A família dorme: não temos TV.)

*Búzios - 11/2/2001*

## QUADRO SUPERIOR ESQUERDO

.

Ah,  
a vela,  
a chama.

A vela-chama.

A vela chama ao mar  
em belos tons de vermelho.

O homem é muito pequeno, é nada  
perto da vela cheia de ar e esplendor.

Mas parece maior, pensando brilhar no leme.

*Búzios - 11/2/2001*

## O TORTO

Há um peixe torto  
pintado num prato  
pendurado numa  
parede bem reta.

Ainda bem.

*Búzios - 11/2/2001*

## LONGE

Disseram que a praia era perto...  
mas longe mesmo é a noite  
que não cai sem uma TV ligada.

*Búzios - 11/2/2001*

## O FANTASMA

Hoje o fantasma de Seu Nhonhô  
passou por mim.  
Mas ventava tão alto que não o vi.  
Assim sendo, não pude lhe escrever meus silêncios  
nem recordar tudo que não fiz.

*Búzios - 11/2/2001*

## SÍNDROME DA CHEGADA

As casas de praia, montanha ou nada  
são sempre decepção na chegada.

Se fôssemos para Pasárgada,  
no primeiro dia me perguntaria:  
– Por que não fiquei em casa?

*Búzios - 11/2/2001*

## PELA ESTRADA AFORA

Olho pro papel  
e lembro que deixei cair  
versos não escritos  
pela estrada toda.

Nunca mais vou achá-los.  
Mas quem sabe  
alguém que passe...

Agora,  
aqui,  
instalado,  
confortável,  
caneta destampada,  
folha em branco...

E esses casais de namorados  
namorando, namorando, namorando  
nada me dizem.

*Búzios - 11/2/2001*

## VENTO FORTE

*Para Mario Quintana*

O vento aqui não pára.

Nem um segundo,  
nem um pouquinho.

Ah, se eu fosse moinho...

*Búzios - 11/2/2001*

## SEVEN

Fiz sete poemas em meia hora  
mas a TV continua sem pegar nada.

Agora  
vou beber água.

*Búzios - 11/2/2001*

## KAFKA

Todo caminho leva  
à rua das pedras,  
onde a beleza ganha.

Queria mais olhos e pernas  
pra ver as belas e desviar das pedras.  
Resumindo – virar aranha.

*Búzios - 12/2/2001*

## NOITE NA RUA DAS PEDRAS

Maria farinha  
de lado caminha  
devagar, calminha.

O barco balança  
devagar, não cansa.

E eu rimo mal.

*Búzios - 12/2/2001*

## FÉRIAS

O céu tem mais estrelas  
o silêncio, mais grilos  
as horas, mais tempo  
os amores impossíveis, mais brilho.

*Búzios - 12/2/2001*

## ALVO

O sol a pele doura.  
Mas só dura até a dureza  
que é o cotidiano da vida fordista.

E tudo embranquece.

*Búzios - 12/2/2001*

## FAMÍLIA

*Para meus pais e minha irmã*

Regularmente,  
algum bicho  
morde mamãe.

E ela irrompe pelos cômodos  
como trotando um jegue de tamancos  
dando rodopios de voz  
e distribuindo culpas.

Meu pai canta ou assobia.

Minha irmã pergunta.

Depois de uns duodécimos temporais  
tudo é calma.

As famílias são fascinantes.

*Búzios - 13/2/2001*

## PLACA

Procura-se alguém  
que ame com certeza.

Interessados  
entrar em contato  
para breve discussão filosófica  
pelo telefone vermelho.

*Búzios - 13/2/2001*

## SOPRO

Não sei o que me deu hoje  
que não durmo e faço poemas.

Talvez a noite esteja insone  
e me sopra versos pelo escuro.

*Búzios - 13/2/2001*

## ORGANIZAÇÃO CEREBRAL

*Para Walter Cabral de Moura*

Decepção amorosa?  
Por favor pegue este número,  
entre na fila a sua direita  
e aguarde ser chamada pelo alto-falante  
para um poema.

*Búzios - 13/2/2001*

## DAS NEGATIVAS

E novamente não durmo  
por algo que não é  
e talvez nunca seja.

(Decepção amorosa número 32, dirija-se ao balcão azul.)

*Búzios - 13/2/2001*

## INÍCIO DE UM ROMANCE POLICIAL

Eram sete e meia.

A polícia tentava isolar o local.

Mostrei a carteira de poeta e passei.

O crepúsculo, morto, vertia sangue pelo céu.

*Búzios - 13/2/2001*

**3 A.M.**

Nem sinal de sono.

A pele coça (queimada),  
ouço (no silêncio) a maldição do Tchan,  
escrevo sem parar (quase três da manhã).

O universo conspira insônias lá fora.

*Búzios - 13/2/2001*

## DESTINO

A cigana leu minha mão  
e não viu que escrevia poemas.

Pedi vinte, dei dez.

*Búzios - 13/2/2001*

## **DELÍRIO**

*Para o hipopótamo de Brás Cubas*

Há um ar de ave  
na algibeira das costelas de porco  
que como como se fossem  
voar.

*Búzios - 13/2/2001*

## SAÍDA DE BÚZIOS

Parou o vento.

O silêncio ensinava o orvalho  
a pingar da relva...

Foi quando a TV funcionou e partimos.

Cheios de melanina  
e lembranças argentinas.

## **CORTE**

Tenho sorte.  
Ao menos tento forte  
(mesmo que não acerte)  
fazer do ócio, arte.

O tempo curto – corte.

Sem vida – morte.

## Biografia

Retirado do [PD-Suplementos / Sábado com você](#) de 24/11/2001, com atualizações



"Nada é para sempre,  
exceto sua alma."

FABIO José Alfredo Santos da ROCHA vive no Rio de Janeiro, onde nasceu, em 04 de junho de 1976. Kursou Engenharia Elétrica na Universidade Federal do Rio de Janeiro (mas não concluiu o curso) e se formou em Administração de Empresas na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. FABIO é FABIO mesmo — como MARIO, o Quintana, é MARIO — sem acento, o que ele explica em versos:

### ESCOLHA

*A Drummond*

O meu Fábio é Fabio.  
Nem nasci, tropeçavam em mim.

Tive então duas escolhas:  
Ser pedra ou poeta.

Fora isso, é muito pouco o que ele diz de si mesmo:

*"Quanto a falar de mim, é a parte mais difícil (sorri, disfarçando). Acho que comecei a escrever por dois motivos: sempre gostei demais de ler e admirava os escritores (de prosa ou verso) que conseguem transmitir pros leitores algo que inspire, emocione ou faça pensar. O outro motivo é que falo pouco (sorri, certo de que está justificado). Então, alguns anos depois de começar a escrever poemas, comecei a fuçar na Internet e aprendi a fazer páginas. E como não tinha nada melhor para colocar na homepage, pus uns poemas. Eu não esperava, mas deu certo. Hoje já são mais de 350 mil visitantes e o site ganhou vários prêmios. Foi isso que me estimulou a escrever mais e participar de concursos. Também tive várias surpresas boas e conheci pessoas maravilhosas e cheias de talento, graças a ele. Pessoas que, infelizmente, a mídia em geral não mostra, mas que estão a apenas um clique de distância".*

Deu certo mesmo. Ao longo de um tempo historicamente curto — ele começou a escrever em 1994, aos 18 anos de idade — FABIO ROCHA publicou vários [livros](#) e juntou um monte de [premiações em concursos](#). Seus poemas estão nos seus livros (de papel e eletrônicos), em [vários sites](#) de língua portuguesa, são notícia de [jornal](#) e até [andam de ônibus](#). Como foi o caso do seu poema "A Magia da Poesia" que circulou no *Busdoor* colocado na traseira dos veículos de Blumenau, no período de outubro a dezembro de 2000. Foi este poema que deu nome ao seu primeiro livro, publicado em janeiro de 2001. Depois, vieram mais vários, eletrônicos, todos disponíveis para leitura no seu site pessoal. É lá que o leitor vai conhecer o máximo que o poeta fala de si:

<http://www.fabiorocha.com.br>

**Caro(a) Leitor(a),**

A poesia, para estar viva, precisa de olhos. Não basta o papel.  
Obrigado pela leitura.

Este é um trabalho independente e gratuito, que pode ser distribuído  
pela internet.

**Se tiver gostado, mande aos seus amigos. Caso contrário, aos  
inimigos... 😊**

Uma das coisas de que mais gosto é ver estes versos se espalhando  
como vírus pela grande rede...

Um grande abraço e obrigado mais uma vez,

**Fabio Rocha**

e-mail: [fabiorocha@fabiorocha.com.br](mailto:fabiorocha@fabiorocha.com.br)

site: [www.fabiorocha.com.br](http://www.fabiorocha.com.br)